

Grafismo corporal Indígena: uma manifestação cultural como recurso didático

Eva Thais Oliveira Alves¹, Maria Geralda de A. Moreira²

1. Graduanda do Curso de História - 3º período; bolsista do PIBID*
2. Docente do Curso de História – UEG – Câmpus de Iporá. Coordenadora de Área do Pibid.

Palavras chave: Grafismo Indígena, Ensino de História Indígena.

Introdução

O Grafismo indígena constitui-se em uma manifestação cultural dos povos indígenas e pode se apresentar: na pintura corporal, nas cestarias, na cerâmica dentre outras formas de expressão cultural. O grafismo é muito utilizado nas pinturas corporais contribuindo para a beleza estética, todavia, muito além da exuberância, estas pinturas possui valor simbólico e é uma forma de comunicação, uma vez que, é possível fazer uma leitura dos sujeitos envolvidos no que se refere à etnia, ao gênero, a faixa etária e/ou grupo a partir do “idioma-código expresso graficamente” (VIDAL, 1992). As técnicas do grafismo corporal são passadas de geração em geração através da oralidade, das atividades do cotidiano, assim, as crianças desde cedo, tem contato com a arte. Em algumas etnias são passadas somente para as mulheres, tendo elas a obrigação de manter está tradição ensinando as filhas (PREDES, ZORZO, 2011). Usar o grafismo corporal como um recurso didático para abordar a diversidade dos povos indígenas foi uma ação do Subprojeto do PIBID de História da UEG – Câmpus de Iporá, assim o objetivo do projeto foi analisar o grafismo corporal indígena como recurso didático e metodológico para o ensino de História indígena.

Resultados e Discussões

O ensino de história e cultura indígena na Educação Básica tornou-se obrigatório a partir da Lei nº 11.645/2008, assim, a proposta de trabalhar o grafismo corporal, para inserir a temática indígena se apresentou como uma oportunidade de abordar o tema de forma lúdica no contexto educacional. O tema foi abordado em oficinas, nas quais trabalhamos a pintura corporal de diversos grupos indígenas, abordando a diversidade por meio dessa manifestação cultural. Uma das etnias escolhidas foi o Karajá. Nessa etnia, o grafismo corporal é passado para as crianças, para as meninas, desde pequenas, sendo que, primeiro elas o praticam no cotidiano através de brincadeiras e quando estão mais velhas ficam responsáveis pela pintura corporal. O grafismo corporal é desenvolvido pelas mulheres, sendo que os homens faz o uso do grafismo nas certarias. Os índios Karajá tem uma pintura corporal especifica para cada ocasião, como por exemplo: a pintura diária designada de *Benora yri* que significava o desenho do peixe tucunaré, podendo ser pintada em qualquer idade, outras são restritas a alguns momentos festivos como a pintura usada por meninos no ritual do *Hetohoky* e pelas meninas na Festa de Aruanã (POLECK, 1994, p. 8 - 26).

Conclusões

A pintura corporal desperta a curiosidade dos alunos (as) possibilitando, assim, abordar a diversidade cultural dos povos indígenas e romper com estereótipos muito enraizados em nossa cultura. Alegorias que pouco ou nada dizem sobre os povos indígenas, mas que são perpetuadas na memória social precisam ser desnaturalizadas e questionadas diante da confrontação com outros elementos que possuem significado para os indígenas, como é o caso do grafismo corporal.

Agradecimento

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID da CAPES, pela bolsa.

Bibliografia

- PREDES, I. A.; ZORZO, F. A. Hamykahay- Expressão Gráfica Corporal Pataxó. In. **Anais do XX Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico**. 2011.
- VIDAL, L. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Catete. In: **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1992.
- POLECK, L. (Org.) **Adornos E Pintura Corporal Karajá**. Goiânia: FUNAI / UFG. 1994.